



TIRANDO AGUA PARA O ENSABOADO—(Cliché do distinto fotógrafo amador, João de Magalhães Junior)

N.º 342 Lisboa, 9 de Setembro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano, 48800 — Semestre, 28400 — Trimestre, 18200

Ilustração
PORTUGUEZA

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRACA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Composição e Impressão: RUA DO SEculo, 43

Será este homem dotado de um poder extraordinario?

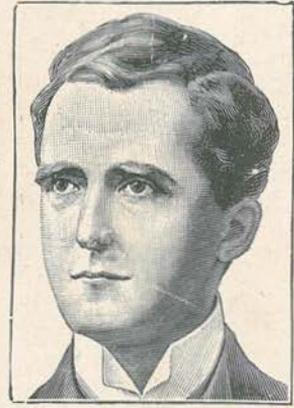
Muitos passos de alta categoria e competencia dizem que elle té na vida de cada qual como n'um livro aberto

Querem ser claramente informados a respeito das coisas que mais lhes podem interessar: Negócios, Casamento, Mudanças de Vida, Occupações? Querem saber ao certo o que devem pensar dos amigos e inimigos, e conhecer o meio de alcançar o melhor exito na vida?

LEITURAS D'ENSAIO, HOROSCOPOS PARCIAES GRATUITAS A TODOS OS LEITORES QUE ESCREVEREM DESDE JA'

ESTAO atualmente despertando a attenção de todas as pessoas que se interessam pelas ciencias occultas, os trabalhos do sr. Clay Burton Vance, que sem alardear dons especiaes, nem um poder sobrenatural, procura revelar o que a vida reserva a cada qual, com auxilio d'este dado tão simples: a data do nascimento. O exatidão incontestavel das suas revelações e predições faz pensar que até agora chiromantes, adivinhos, astrólogos e videntes de todos os fellos não haviam logrado applicar os verdadeiros principios da ciencia de desvendá-lo porvir.

As cartas que publicamos em seguida attestam a elevada competencia do sr. Vance:



«Recbi o meu Horoscopo, escreve o sr. Latayette Redditt. Foi com verdadeiro assombro que ll' nelle, fase por fase, a minha vida desde a infancia até agora. Ha ago. que este genero de estudo me interessa, mas nunca me passa a pecha que fosse possivel dar opinioes e conselhos de valor tão inculcavel. Sou portanto, forçado a confessar que v. é na verdade um homem extraordinario, e muito folgo que possa fazer aproveitar, aqueles que o consultam, das suas admiraveis facilidades.»

O sr. Fred. Walton escreve: «Não esperava receber uma tão esplendida descripção da minha vida. É impossivel calcular todo o valor científico das suas consultas, antes de haver experimentado diretamente, como eu fiz. Consultar a v. ex.º é ter a certeza de alcançar o exito que se deseja e a felicidade a que se aspira.»

Em virtude de negociações l vadas a cabo, podemos offerrecer a todos os leitores da Ilustração Portuguesa, uma Lettura d'Ensaio gratuita do Horoscopo parcial. É necessario, porém, que as pessoas que quizerem aproveitar este offercimento façam o seu pedido sem demora.

Aqueles que desejarem, portanto, a descripção da sua vida passada e futura, que quizerem receber uma enumeração das suas características, talentos e aptidões, uma indicação das occasiões que se lhes proporcionam, não têm mais que enviar o nome, a morada, a indicação do sexo, a do dia, mez e ano do nascimento, e a copia feita pela propria mão dos versos seguintes: Vosso poder é grande, é assombroso.

Ao mundo a fama diz, do meu porvir rasgando o veu nebuloso, Dizel:—Serel feliz?

Dirigi a vossa carta a Monsieur Clay Burton Vance, Suite 2008, B. Palais Royal, Paris (France).

Será conveniente incluir na carta 150 réis em estampilhas do vosso país, para despesas de porte e d'escritorio. É preciso notar que as cartas para Franca devem ser franqueadas com 50 réis, e se deve incluir na carta dinheiro moedado.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS
Fazem-se nos officinas da
"Ilustração Portuguesa"
RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

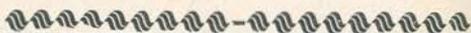
BREVEMENTE PARA 1913

AMANHÃ D'ESTO SEREIO

O mais Artístico dos Perfumes de Luxo
Uma Polverosa e Perfumada e Saudosa

Reliqued'Amour

L. LEGRAND
PARFUMERIE ORIZA
11 PLACE DE LA MADELEINE . PARIS



O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

MADAME

BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000 rs.

thegoria a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000 rs.



BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS

D^o BENGUÉ, 47, rue Etienne, Paris, e em todas as Pharmacias.

PELOS CAMPOS



1



2

Por todo esse abençoado paiz não ha região, por mais arida e monotona que pareça, vista de longe, que não tenha aqui ou ali trechos pittorescos, onde a frescura e o aciditado se a'iem n'uma harmonia encantadora.

Quantas vezes atravessamos uma planície arida, interminavel, salpicada a espaços de uma vegetação miuda e en'ezada, sem um unico fio d'agua, e, de repente, quando menos pensávamos, abre-se-nos aos pés um leito fundo, fresquissimo, revestido de uma verdura exuberante! Quantas vezes nas regiões arborizadas parecemos eternamente embrenhados em matas e bastios, sem esperança de



3

1--A nora do rio. 2--A caminho do campo.

3--A colheita das aboboras.

vêr tão cedo um palmo alegre do horizonte, e, de um momento pa'ra o outro, o arvoredo como que se desfaz, por encanto, n'uma nebrina tenue, magicamente irisa-da, flutuando sobre uma vasta veiga, onde não ha mimo que a natureza não tenha feito brotar! E' n'essas intermitencias mais ou menos espaçosas das charnecas e pinhaes que a terra é aproveitada com mais carinho e disputada com mais furor. O quintal e



a horta apresentam esmeros de ja dim; o proprietario defende-se fe rozmente do visinho, que nunca perde o en sejo de lhe meter a enxada pela fazenda.

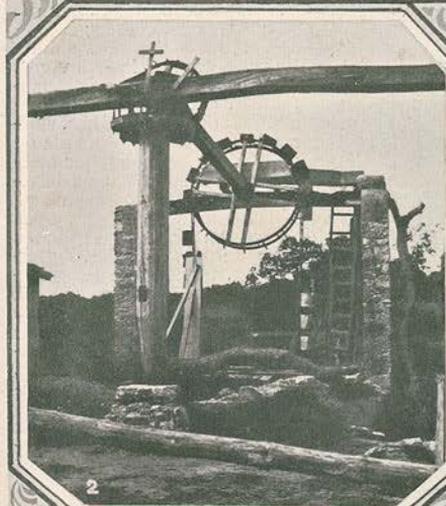
E' ali que os traba lhos agricolas conser vam uns traços curio sos da sua feição pri mitiva. Na vida simples e despretençosa que se vive sobre aquelas bel gas de terra, em qu umas poucas de gera ções se sucederam, fe lizes só por lhes pode rem chamar suas, é que ha a verdadeira poes'a campestre. Que importa que seja preciso mou rejar de sol a sol para



ter uns mólhos de cou ves, uns poceiros de aboboras, uns alqueires de milho e de batatas, se tudo isso se come em paz, se a terra que os produziu é nossa e podemos dormir sem o receio de acordarmos esbulhados d'ela por um senhorio exigente, que se não comove com a mortada que nem uma lôr deixou nas arvores e com a séca a que nem um pé de milho escapou nos arneiros!

Não busquem a poes ia, o encanto da buco ica, nas grandes herda des, onde as maquinas substituíram o trabalho do homem, resfolegando

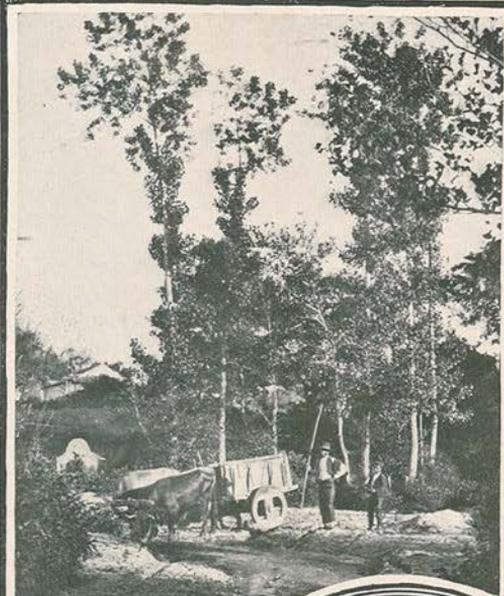
1—Regando as flôres. 2—Trecho d'um ribeiro. 3—No recanto da sua quinta á hora do sol. 4—Os cevados comendo e o burro de beíço caído.



1—Sementiras nas primeiras chuvas. 2—Velha nora abandonada. 3—A picota e a rega do feijol. 4—Ceifando herva.

e silvando ruidosamente; onde a agricultura deixou de ser o processo rudimentar, instintivo, pelo qual o homem esgravatava na terra

umas raizes, uns tuberculos, por todo o alimento, para se converter n'uma grande exploração industrial servida pelo aço e pelo ferro.

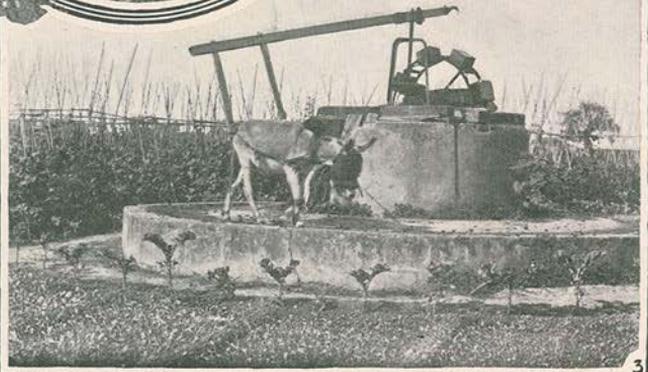


Fida das arvores, abrindo poços, sobre os quaes se balouçam as «pico-tas» e as «cegonhas», com um isocronismo rigoroso e soporifero de pendulo, e em volta das quaes tambem gravita com a proverbial resignação da sua sorte o burrinho de o'hos vendados, puxando a nóra e parando repetidas vezes, talvez menos de cansado, do que de adormecido pela cantilena das engrenagens perras. Reparém n'aquelle lavrador que veiu todo o caminho enxotando os moscardos que lhe sugam o sangue aos bois, falando-lhes como se os animaes comprehendessem as palavras amigas e animadoras.

E que encanto não ha nos trabalhos de colheitas que se estendem por esse outono fóra! Tudo o que a terra dá, por pouco que seja, é abençoado, é festejado como o simbolico maná da bíblia. Se as cantigas esfusiam vivas, scintilantes, quando se semeia, quando se monda, quando se sachá, que fará quando se cólli! E a mulher, sempre a mulher, é quem põe a nota de alegria n'esta lide e de reconhecimento para com os beneficios da terra-mãe. O homem, mesmo que deixe moios de milho no celeiro, pipas de vinho na adega, e grandes medas de palha na eira, regressa a casa, silencioso e de ar concentrado; a mulher com meia duzia de vages de feijão que traga no ave'tal, um feixe de espigas, debaixo do braço ou uma abobora á cabeça, enche os ares de notas vibrantes de alegria e reconhece-se-lhe nos olhos que, se ha coisa, que n'este mundo cada um possa talhar á sua vontade, é a ventura.



Não. Olhem para aquelle agricultor paciente, dando a ultima demão aos seus alfobres, com o amôr de um artista, emquanto a mulher vae e vem na lida do que é preciso para casa e para a criação, e os filhos ou apascentam as ovelhas ou acarretam agua para deitar nas plantas á medida que se metem na terra. Vejam o esforço persistente, com que se procura a agua, armando nóras nos rios, que mais parecem decorações artisticas armadas á sombra que



1—Bois bebendo n'um fibeiro. 2—A' espera do dono. 3—A nóra e o burrinho d'olhos vendados. (Todos os clichés d'este artigo são do distinto fotografo amador, sr. João de Magalhães Junior)

AMOR TZIGANO

O ÚLTIMO SUCESSO EM OPERETA



1—Miss Gertie Militar, a mais popular atriz e dançarina da opereta inglesa.

Viena tem hoje com Franz Lehar e Leo Fall quasi o monopolio da produção da moderna opereta, mas as suas obras só atingem o auge do brilhantismo em Londres, para onde rapidamente emigram, e d'aí irradiam então para o mundo inteiro, mercê d'uma lingua mais falada ou do reclame resultante d'uma encenação sensacional. Se a censura inglesa lhes rouba o picante do semi-nú ou o da graça original quasi obscena, os grossos capitães que a empreza traduz em luxo, a maior beleza e juventude das raparigas, as suas danças graciosissimas, o tra-



2—Robert Michaelis, o protagonista.

3—Um episodio comico do «Amor Tzigano»

dicional «humour» britânico e um supremo gosto no arranjo da cena e distribuição de luz e cores, tudo suprem com vantagem, dando a toda a produção uma leveza e fres-



cura d'encanto excélcional. São muitos os theatros londrinos que exploram o genero, mas os dirigidos por Mr. George Edwardes tem sempre um cunho de originalidade insuperavel. O seu actual successo é o «Gipsy Lone» de F. Lehar, no Daly's Theatre, tres atos de musica já vivamente hilariante e sonhadora, harmoniosa e dolente, que muito se quaduna com o gosto portuguez.

Principalmente no 1.º ato o compositor sobe a culminancias desconhecidas em opereta, que muito o aproximam da inspiração de Mascagni e

no salvamento da filha, que vão encontrar n'uma estalagem de clientela duvidosa, onde se reúnem varias outras conquistas do zingaro. Lady Babby, mulher do mundo e perspicaz, sabe que a persuasão effeito algum teria sobre a enamorada; conquistar-lhe o zingaro, provando assim a sua falsidade—eis o escolho em que a barca da illusão de Ilona deve sosobrar.

Ilona que impuzera como condição de cedençia o casamento, ainda que á maneira «tzigana», começa a desvendar no aspero tratamento do amante o abismo em que se afundára. Por seu lado Jozi, que se julga irresistivel, cae no laço lançado pela ingleza, que habilmente faz uso d'aquella sua fraqueza, e foge com elle deixando Ilona, mas em breve vê que fóra ludibriado e escarrecido.

Na versão original, talvez mais harmonica com o nosso temperamento, a triste aventura d'Ilona passa-se em sonho, mas a liberalidade ingleza materialisou-a, e a idealista, desiludida, volta penitente á casa paterna disposta a aceitar o pro-



Mr. Berry, o popular ator do Daly's Theatre.

Leoncavallo. O «Amor Tzigano», que no Daly's succedeu em agrado á «Viuva Alegre», «Princesa dos Dolars» e «Conde de Luxemburgo, tem todas as probabilidades de, como aquellas, visitar tambem as margens do Tejo.

O **entrecho**—Desenrola-se a ação da peça na Romanja, cujo trajo nacional traz grande colorido á cena. Dragotin, nobre romão vivo, celebra com estrondo os esponsaes da filha (Ilona) com um officel de Hussars. Esta porem, romantica e sentimental, apaixonára-se loucamente por Jozi, tipo pitoresco do violinista tzigano, d'estes que pelos restaurantes caros com as suas valsas arrebatadoras fazem reclame á Hungria tendo mesmo já perturbado cabecitas principescas, e com elle foge durante a ceia dada em sua honra.

Dragotin está por sua vez preso pelos encantos d'uma bela ingleza, Lady Babby, que encontra em vigiliatura, e que viéra assistir á festa, a qual por espirito de «sport» se presta a auxilia-



Miss Petrass e miss Filippi no 4.º ato.

saico e calmo amor do joven officel. Julga porém alguém que a verosimilhança seja o principal requisito da opereta?

As córtes entre Lady Babby e Dragotin e entre uma sobrinha d'este e um rapaz ingenuo fazem alegre contraste com os episodios sentimentaes e alimentam a gargalhada.

A **parte comica** que, a par de uma encação artistica, é condição indispensavel de vida d'uma opereta em Inglaterra, está entregue a Mr. Berry,



um dos mais populares comicos ingleses e que tem em Dragotin uma verdadeira criação no genero. «Diseur» espirituoso, estão a seu car-

go os «couplets» humoristicos que, á mingua de revistas, se intercalam sempre em qualquer opereta sobre a politica do dia.



1—Curiosa «toilette» de miss Gertie Milar no 3.º ato do «Amor Tzigrano». 2—A atriz cantora Sari Petrass, creadora do papel de Ilora. 3—Um grupo de coristas do «Amor Tzigrano».

Dragotin recebera de Lady Babby uma carta laconica que mostra a todos, querendo lêr nas entrelinhas e no tremido da letra a comoção d'ela ao escrever-lh'a. Apenas a vê, fala-lhe no assunto, tendo como resposta:—Escrevi-lhe no comboio!

N'um colloquio amoroso, Dragotin pergun-

gunta-lhe:—Escreve sempre com isto ou tambem usa lapis?

A lição d'amor dada pela sobrinha de Dragotin ao ingenuo é uma cena engraçada e boa d'explorar, sendo toda a peça cheia de trocadilhos espirituosos.

A dança.—Outro característico da opereta inglesa é a dança. Não só as valsas, mas todo o «couplet» termina em dança, é como que uma especie de «refrain» coreografico, que o



Miss Sari Petrass em costume romalco

ta á inglesa que idade julga ser a d'ele? (Ela)—Diz-se que o homem tem a idade que sente ter! Forly (49)—(Ele): «fortissimo!»

No 2.º ato o estalajadeiro insta com Dragotin para que prove o seu melhor vinho. Este acede e depois per-

publico não dispensa e em que atrizes e coristas são adoraveis de graciosidade, enchendo a cena de vida e de movimento.

N'este particular conta o «Amor Tzigano» com a insigne atriz-dançarina Miss Gertie Millar (Lady Babby) que, pela sua graça, leveza e vivacidade se tornou um idolo do publico, sendo hoje a dançarina tipo da escola inglesa.



1—Um ballado zingaro no 2.º ato. 2—Dragotin entre as damas. 1.º ato.



1—Sari Potrass em traje zingaro. 2 — A atriz-dancarina Miss Gertie Millar. 3 — Miss Millar no 2.º ato.

A encenação é, a meu vêr, o grande atrativo da opereta "m Londres, São-lhe devotados tanto talento, gosto e arte que a tornam uma coisa de todo o ponto bela e digna d'estudo. Dos artistas portugueses só, que eu saiba, Chaby Pí-neiro viu algumas peças d'este genero. Como seria util ao nosso teatro que um artista inteligente e empreendedor como Afonso Taveira, que no nosso acanhado meio é um verdadeiro benemerito, fôsse á capital britanica todos os anos vêr os ultimos sucessos em opereta!

Não só os vestuarios são riquissimos e artisticos, mas á combinação das côres para obter um conjunto perfeito é consagrado o maior estudo.

A sala é, como na opera, conservada ás escuras ou n'uma penumbra dôce, que dispõe bem a vista e concentra as atenções no quadro poderosamente colorido e iluminado que é o palco. As figuras principaes são acompanhadas em todos os seus movimentos por fôcos especiaes que, cercando-as d'um elo luminoso, lhes dão o maior destaque.

Nas danças, muitas vezes a um tempo, toda a luz da cena se extingue e apenas um holofote poderoso colocado na galeria rompe a escuridão, caindo sobre a figura ou figuras que se movem n'uma aureola esplendente. Não será verosimil, convenio, mas o efeito é soberbo.

A propria orquestra, que desaparece um pouco sob o palco, tem refletores nas luzes para não prejudicarem os efeitos.

O 1.º ato do "Amor Tzigano" é modelar no estudo d'efeitos e d'harmonia; do seu final encantador procurei dar uma palida idea.

A cena representa o jardim do palacete de Dragotin cuja escadaria se vê á direita; o chão, de

relva, (tapete de fios de lã) tem um aspéto aveludado em que muito destacam as figuras; em roda, junto do arvoredo copado que envolve o quadro, de canteiros de terra verdadeira, emergem palmeiras e massissos de roseiras e rhododendrons com flôres de pano, com vulto, em todas as nuances do violeta ao côr de rosa palido.

Ao fundo passa o canal, d'agua tambem verdadeira, sobre que uma gondola transporta os convidados.

Segue-se um pano de perspectiva campesina fortemente iluminado pelo sol, por uma abertura do qual se vêem as montanhas distantes.

Começa o cair da tarde, a luz enfraquece, vão-se os tons esbatendo e além, na montanha, passando do lilaz ao violeta, trazendo ao espectador seduzido uma paisagem da Suissa ou da Escocia famosa. Com os ullimos raios do Astro coincidem os primeiros d'um luar palido, dôce e envolvente. E' n'este ambiente suave, carinhoso, que começam a ouvir-se os acordes longinquoos de uma valsa inspirada e suggestiva n'um violino que se aproxima docemente. E' então que Ilona, n'um apaixonado enlevo, atraida pelo magico som, abandona a festa, desce, e, com o tzigano que já a espera, foge, desaparecendo no canal.

O pano cerra-se lentamente e a luz, irrompendo d'um jacto em toda a sala, acerta a assistencia d'um sonho ideal.

FERREIRA D'ALMEIDA.



Vida Colonial

PRODUTOS DE S. TOMÉ

A Ilha de S. Tomé é sem dúvida nenhuma uma das primeiras, para não dizer a primeira das colônias portuguesas. Se o não é sob o ponto de vista da sua extensão territorial, porque a sua superfície total não excede 2000 kilometros quadrados, sob o ponto de vista do clima, que é verdadeiramente privilegiado, e pelo que respeita ao solo, que é de uma assombrosa fertilidade, a Ilha de S. Tomé ocupa



o primeiro lugar entre as nossas colônias, e pôde afirmar-se sem receio de errar que é verdadeiramente uma colônia modelo, por muito que os detractores das coisas portuguesas queiram apontar-a aos olhos do mundo culto como um centro de escravatura negra.

A Ilha de S. Tomé é sobretudo um muito frizante exemplo de quanto pôde a boa vontade aliada à iniciativa rasgada, e tanto assim é que, sendo este belo rincão de terra portuguesa a perola de maior valor que existe no Atlântico



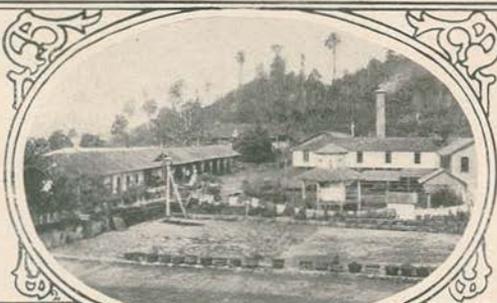
co, a sua valorisação deve-se inteira e exclusivamente á grande tenacidade dos agricultores, que apesar de completamente desajudados de todo o auxílio official, são as unicas entidades a quem com inteira justiça pôde attribuir-se a valorisação da colonia. São variadissimas as produções de S. Tomé, como são por exemplo o cacau, o café, a cana de assucar, a quina, a borracha, a nóz moscada, o ananaz, etc., mas são sobretudo importantes as produções de cacau e café, tendo a colheita de cacau sido no ultimo ano de cerca de 30.000.000 de kilogramas de cacau, e devendo regular este ano por cerca de 40 a 45.000.000 de kilogramas, o que representa aproximadamente uma receita de cerca de 12.000 contos de réis, cifra que é verdadeiramente fabulosa, se atendermos á pequena superficie da ilha. Em S. Tomé trabalham atualmente perto de 80.000 serviços negros, cujo tratamento é de primeira ordem, sendo a sua situação invejavel em relação á dos nossos ruraes, e mesmo em relação á dos



1

operarios dos nossos centros urbanos, pois a estes serviços absolutamente nada falta, desde o salario em dinheiro que regula por 2\$500 por mez, até á alimentação que é sadia, etc.

Sob o ponto de vista d s suas belezas naturais, o aspéto da ilha é verdadeiramente feerico e encantador, sendo a ilha re-



cortada de caprichosas baías, sulcada em todos os sentidos por numerosos rios e ribeiros.

O seu sistema orografico é tudo quanto pôde haver de mais original.

Eis em poucas palavras o que é essa joia de extraordinario valor e desusado brilho, perdida na vasta imensidade do Oceano Atlantico, que é a Ilha



3

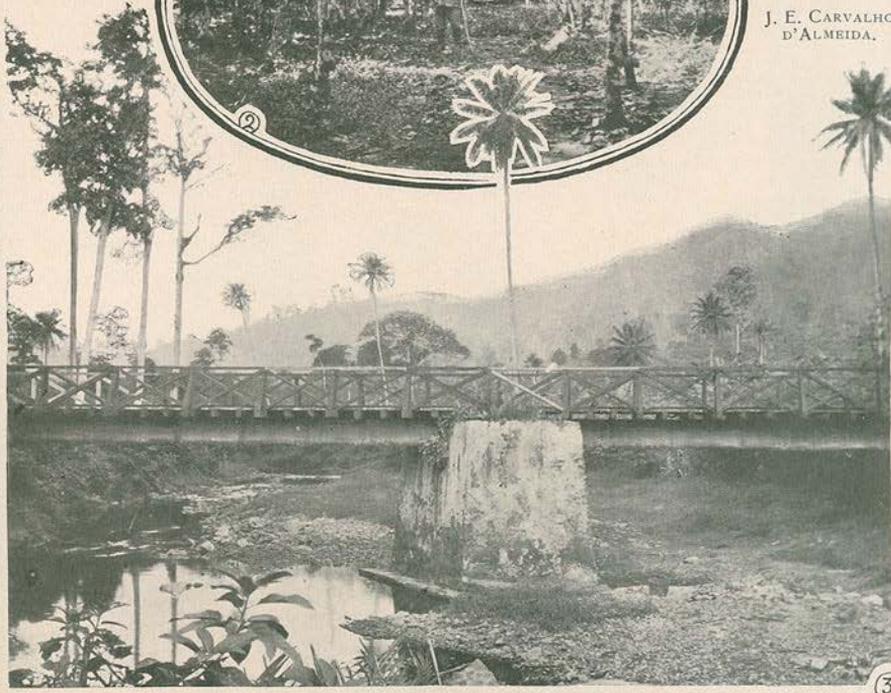


de S. Tomé. A viagem que o ano passado ali fiz, em missão de estudo, e ainda a segunda, de que acabo de regressar, e que foi co-



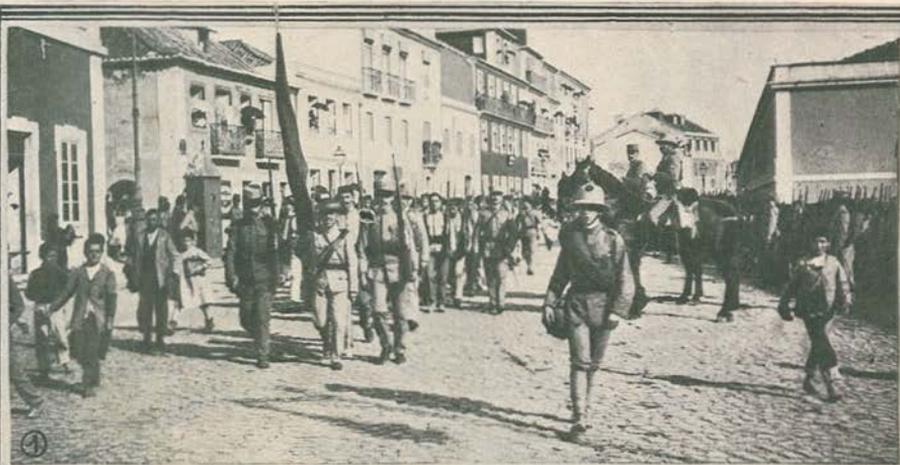
no que o complemento da primeira, deixaram no meu espirito, a impressão de que nada ha tão pitoresco como allhade S. Tomé.

J. E. CARVALHO
D'ALMEIDA.



1—Outro trecho do rio. 2—Um cacocal na roça Java. 3—Uma ponte da linha ferrea da roça Praia Grande. (Clichés do sr. Carvalho d'Almeida)

As Escolas de Repetição



1—Infantaria 2 marchando no largo das Necessidades.



2—O chefe do estado-maior sr. major Pereira Bastos e o coronel de infantaria 2 passando revista ao quartel, antes da saída do regimento.
3—A distribuição das cadernetas em infantaria 2.

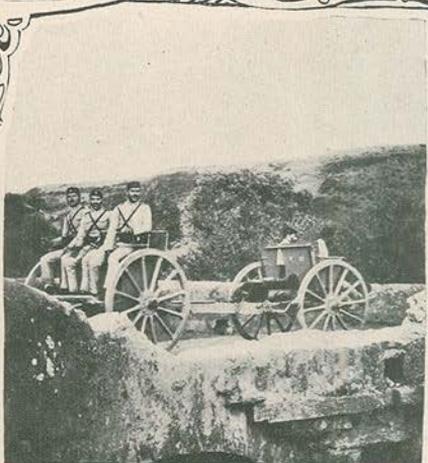


Trinta e seis mil homens se mobilizaram nas escolas de repetição que, dentro em alguns anos, poderão fornecer trezentos mil soldados.

Os exercícios começaram em 2 de setembro, tendo partido lo-



go de Lisboa infantaria 2 e artilharia 1, seguindo depois os outros contingentes no seu maior efetivo, tendo também sido chamados para instrução os oficiais da reserva das varias unidades.



1—A cabeça da coluna d'artilharia. 2—O general da divisão vendo desfilr as tropas na antiga estrada da Cruz das Oliveiras. 3—Os officies d'artilharia. 4—A infantaria formada na Cruz das Oliveiras. 5—A artilharia na passagem de uma ponte, na estrada da Cruz das Oliveiras. (Clichés Benolie).

A ENTREGA DAS CREDENCIAES DO MINISTRO DO BRAZIL EM LISBOA



A' saida do palacio de Belem, depois da cerimonia, o sr. dr. Eduardo Lisboa com os secretarios da legacao, sr. Veloso Rebelo e Belford Ramos.

O ministro do Brazil em Lisboa sr. dr. Eduardo Lisboa entregou a S. Ex.^a o Presidente da Republica as suas credenciaes, sendo feitas n'essa occasiao as maiores demonstracoes de cordialidade entre os dois paizes, afirmando-se mais uma vez a simpatia que os une.

(Cliché de Benoitte)

Exposição d'arte aplicada na Escola Marquez de Pombal



1 e 3—Aspetos da exposição.
2—O presidente da República, ministro do fomento e diretor d' escola, coronel sr. Marc es Leitão, analisando um engenho das oficinas.

Devido á iniciativa do grande trabalhador



e devotado propagandista do ensino industrial, que é o sr. Marques Leitão, abriu-se, na Escola Marquez de Pombal, a exposição d'arte aplicada que é uma verdadeira revelação da fôrma como ela tem progredido entre nós.



O certamen de bombeiros no Porto em favor do monumento á memoria de Guilherme Gomes Fernandes

Guilherme Gomes Fernandes — o illustre bombeiro portuense — foi, pela sua bravura, pela sua audacia e muito pela sua bondade, o idolo d'essas corporações tão dedicadas e tão generosas que por todo o paiz expõem as vidas dos seus associados, lutando bravamente contra os incendios, arrancando ás chamas os desditosos.

Tambem, jámais esse nome esqueceu e sempre que ha um congresso de bombeiros, uma grande festa, uma demonstração d'essas corporações, o nome do morto illustre é recordado com respeitosa saudade. Delib'eraram agora os bombeiros de todo o paiz erguer um monumento á memoria d'esse homem que não sae da sua admiração e para isso todos concorreram apresentando-se no grande certamen realiado no Porto e cujo producto á esse fim é destinado.

As associações de to-



dos os bombeiros voluntarios nacionaes e representantes dos municipios fizeram u nasessão solene onde se enalteceu o vulto de Gomes Fernandes, formando depois um cortejo que foi, pelas ruas do Porto, até ao quartel que tem o nome do homenageado onde se realisaram diversos exercicios.

Ali se mostrou a pericia dos bombeiros que tanto nos simulacros de salvacao como nos de ataque ao fogo e no movimento do material, se portaram de maneira a merecerem os mais francos e rasgados elogios.

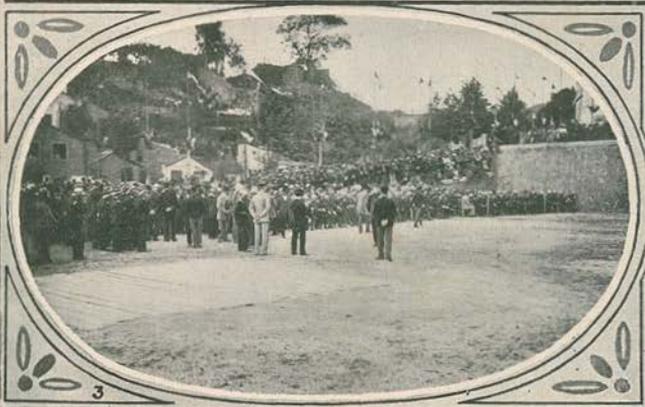
Foi tambem distribuido um bodo aos pobres, houve iluminações n'aquela quar-



1—Guilherme Gomes Fernandes. 2—Uma escalada ao 3.º andar pelos municipaes de Coimbra. 3—O sr. Julio Cardoso, chefe da contabilidade dos bombeiros municipaes de Lisboa, com o sr. Rodolfo d'Araujo, chefe dos bombeiros municipaes de Gaia.

tel e quando, depois de uma nova reunião se despediram os bombeiros de todas as cidades, ficou bem assente essa idéa de uma larga confraternização e deliberou-se que seria levantado dentro em pouco o monumento do glorioso bombeiro.

Revestidas da maior importância, es as festas tiveram, além do mais, o alto significado d'uma união entre



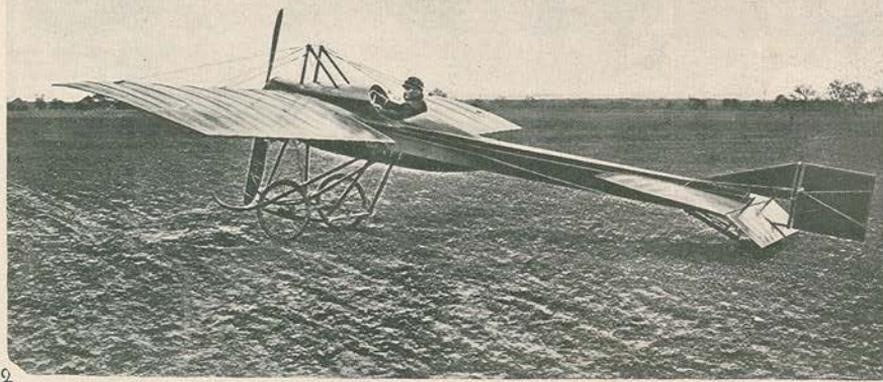
1—O Dosto da Cruz Vermelha no local do certamen. 2—No primeiro plano: I—comandante dos voluntarios de Braga. II—Francisco Xavier da Silva, director do jornal «O Bombeiro».—III—Jose de Brito, presidente da comissão do monumento. IV—Ajudante dos bombeiros municipales do Porto. V—Von Koss, comandante dos voluntarios do Barreiro. VI—Luiz Ferreira Alves, vereador do pelouros dos incendios da camara do Porto. 3—Aspecto da assistencia no certamen.

(Clichés Alva Martins).

essas agremiações nacionaes.

O MONOPLANO DEPERDUSSIN que o coronel Albino Costa offereceu ao exercito portuguez

O aeroplano Deperdussin é dos mais elegantes aparelhos, como se demonstrou na exposição de 1910. As suas azas são caracterizadas pela sua curvatura geometrica muito fraca, estudada para serem usadas nas grandes velocidades. A parte trazeira é cheia de flexibilidade e o aeroplano, nas suas travessias, tem, com a maior elegancia, a maior ligeireza. Em 10 de março de 1911 bateu o *record* do mundo em



1—O monoplane no campo. 2—O monoplane na "atterisage". 3—O monoplane antes da subida em Issy-les-Moulineaux.



velocidade, de Busson a Reims; em maio, no raid Paris-Roma, o aviador Viard fez o percurso no mesmo aparelho e em junho ganhou os longos percursos de Paris Liege, 320 quilometros e Calais-Paris 250 quilometros.

E' este o aeroplano com que vae ser dotado o exercito portuguez oferecido pelo distinto coronel brasileiro sr. Albino Costa, a quem têm sido prestadas as homenagens devidas ao seu generoso ato.

As regatas em Paço d'Arcos

disputadas entre o Club Naval e a Associação Naval.
A primeira corrida de 6 remos foi ganha pela tripula-



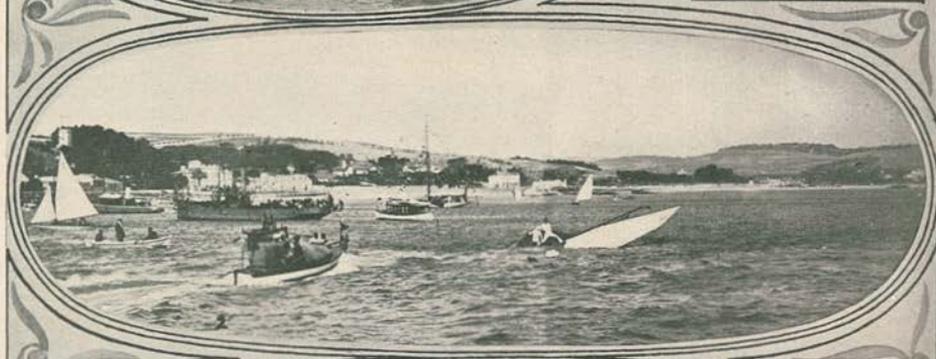
— este boia — do sr. Carlos Bleck.
1.—«Cente board» do sr. Luiz Ferreira, 1.º prêmio.
3.—Escola de 6 remos do «Vasco da Gama», canoa «Espodarte» que ganhou o 2.º prêmio na eliminatória d'Associação Naval de Lisboa.

Realisaram-se as regatas em Paço d'Arcos com uma grande affluencia e um enorme entusiasmo, sendo



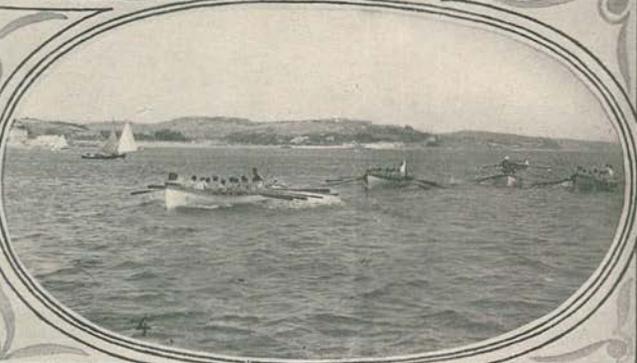


usadas pelo Club Naval e pela primeira vez entre nós realisa-
 las, foi vencedor o
 do sr. Luiz Ferreira,
 que levava a bordo,
 além do seu proprie-
 tar o, os srs. Mario
 Allen e Mariano Car-
 doso. O barco perten-
 cente ao sr. José Leal
 voltou-se quando se
 desviava d'uma canôa
 mas logo os tripulan-
 tes foram socorridos
 pelas embarcações.



1—«Maria»—escater a gazolina do sr. Carlos Anjos. 2—O «center board» de José Leal ao virar-se. 3—Escola de 10 remos da fragata «D. Fernando», que venceu. 4—Aspêto da corrida de escaleres de 10 remos. (Clichês de Benollet)

ção d'esta ultima agre-
 miação desportiva. A
 regata entre escaleres
 da armada foi tambem
 uma prova brilhante,
 ganhando o da fraga-
 ta «D. Fernando». Nas
 corridas de barcos
 «center boards», orga-

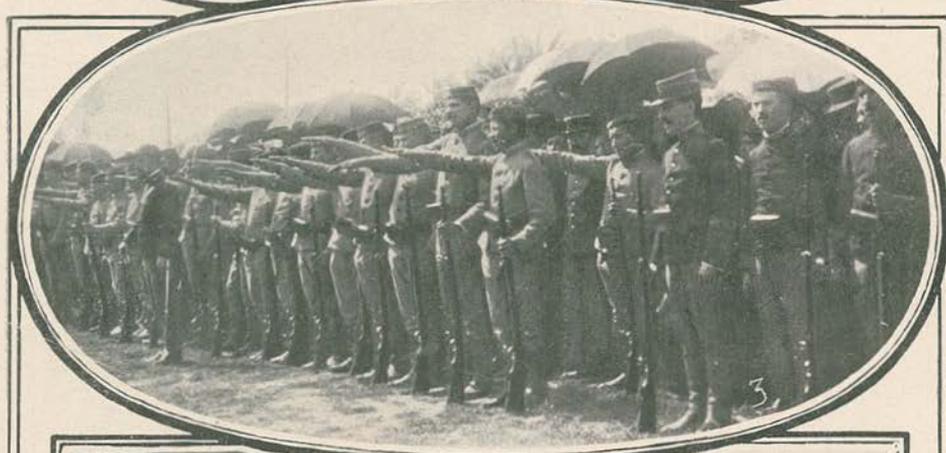


EM VIANA DO CASTELO



1—Bandeira do extinto regimento de infantaria 9, no seu regresso da guerra Peninsular, em 1814, guardada no templo de S. Domingos em Viana do Castelo. 2—A taça das damas que foi ganha pelo capitão sr. André Reis, vencedor do ultimo concurso hippico da cidade. 3—A vitrine das bandeiras do 9 d'infantaria. 4—A outra face da taça.

FIGURAS E FACTOS



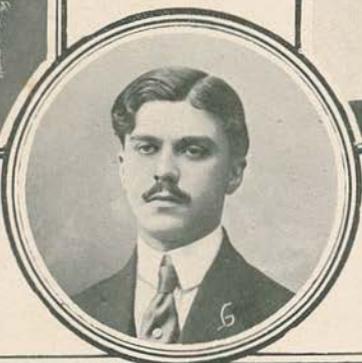
1—O juramento de bandeira em infantaria 23; a nova bandeira oferecida pelos sargentos ao regimento.



2—Os sargentos oferecendo a bandeira e o major lendo a mensagem.

3—Os recrutas fazendo o juramento.

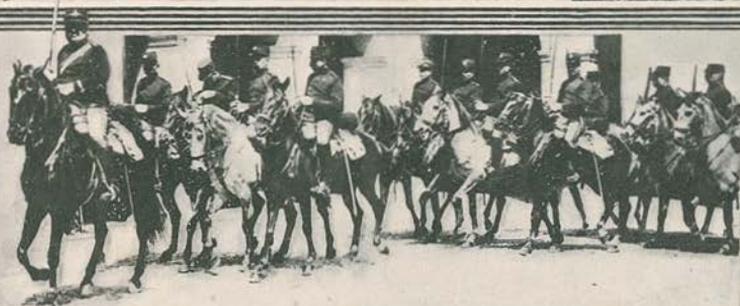
4—Dr. Raul Bensaude, medico portuguez dos hospitaes de Paris, delegado pelo governo francez á America do Sul para o estudo das doencas exoticas.



5—Sr. José Rodriguez Fernandes, distinto condutor d'obras publicas e jornalista, falecido em 31 de agosto.

6—Sr. Carlos Villa de Lemos, colaborador do «Seculo» e que, tendo enviado ao Instituto de New-York uma tese sobre a dentição das creancas, recebeu o grau de doutor em cirurgia dentaria.

A Guarda Republicana de Santarem

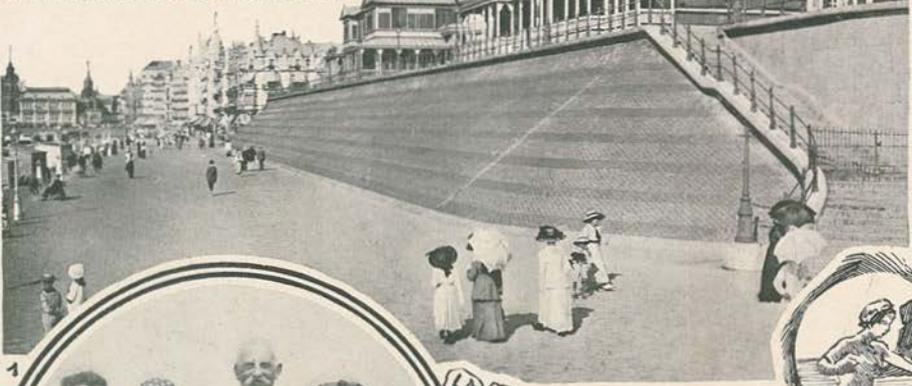


1—No quartel do Carmo, parte da companhia em exercicio. 2—O general comandante da Guarda Republicana sr. Encarnação Ribeiro, passando a revista á companhia de infantaria antes da partida. 3—O esquadrão de cavalaria da Guarda Republicana de Santarem. (Lichés de Benollet)

As praias belgas

N'estas terras de França este ano não ha verão. Todos os dias chove; todos os dias faz frio. O guarda-chuva é um traste habitual; um chapéu de palha faz rir. Nos arrabaldes já caiu neve. E não ha noticias d'andorinhas nos dominios do bom mr. Fallières.

E' um agosto nevoento e triste; um agosto absurdo, de galochas, impremeavel e *cache-col*. Ha um ano, a temperatura alcançava



39: era horrivel! Este ano não passa de 15; menos insuportavel, é certo, mas, apesar de tudo, melancolico. Surripiaram-nos um verão...

Mas, mesmo sob as inclemencias d'um importuno inverno, Paris é o Paris do estio, desagrada-



vel, com as suas ruas desertas, os seus *boulevards* regorgitando de estrangeiros e provincianos, as suas lo'as fechadas, os seus teatros alimentando com uma arte de *doublures*, a meijos preços, a curiosidade dos *parvenus* que os frequentam... E' preciso fugir! Uns vão para os arrabaldes; estão cheios os hoteis de Saint-Germain, de Fontainebleau e de Versailles. Outros fazem ou fingem fazer a sua *cara* anual em terras d'água: é o tempo d'Aix, e de Vichy, e de E'vian. Outros, emfim, buscam o ar do mar e vão para as inúmeras praias da Normandia ou da Bretanha. Trouville e Dauville, as duas estações vizinhas e rivaes, estão em moda. Ambas tem os seus casinos novos: casinos modernos, d'uma arquitetura sem grandes

1—O chalet real em Ostende. 2—Pose de familia. 3—Arrulhos



vãos d'arte mas com um conforto de hotel rico, uns teatros onde representam *troupes* caras e um aspéto exterior com essa grandeza de barracão massisso que ainda faz um grande efeito na sociedade meio-termo que joga e se diverte.

Deauville, comtudo, tem as suas *vilas* e os seus jardins, que são lindos e muito justamente celebrados. Trouville tem a sua Rua de Paris ultra-snob, onde se acotove-la uma multidão mixta de cocotes, literatos da moda, burguezas ricas, estrangeiros, *sportsmen* e *croupiers*. N'esta época, os hotéis bons não alugam quartos a menos de vinte francos. No Hotel des Roches Noires, incontestavelmente *chic*, mas o mais afastado do Casino, um dos meus

amigos conseguiu encontrar um modesto quarto a 30 francos, depois de ter recusado um outro, com janella sobre o mar, que lhe custaria o dobro; e jantando e almoçando o *menu* a preço fixo, pagou cada refeição a 10 francos, fóra o vinho. Como compensação apenas

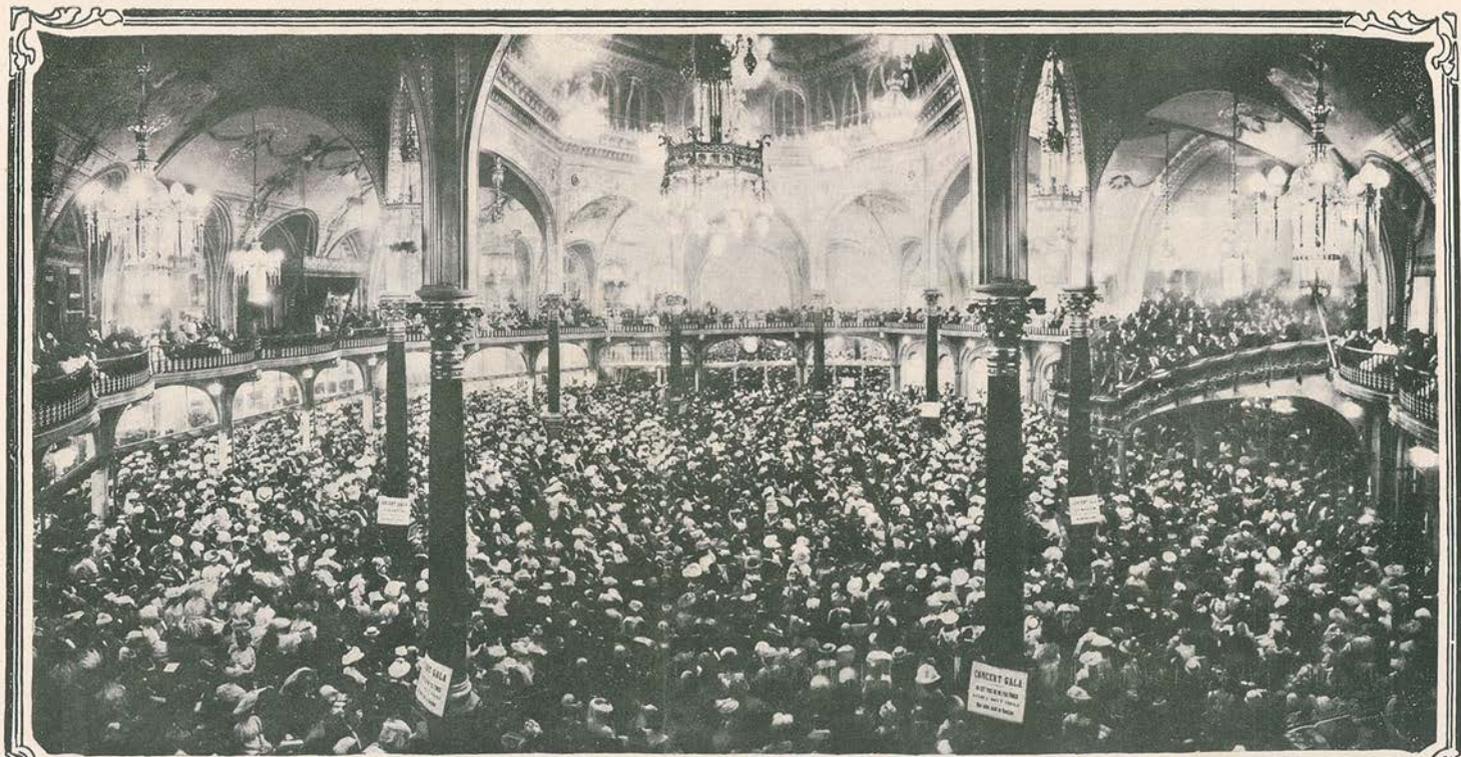
teve chuva caindo a potes sobre as celebres *planches* e nos *teas* janotas do Topsy ou do Casino, o dom de vêr a

baroneza de X piscando o olho ao footbolista Y e a demi-mundana W em vias de *entolero* e argenteio Z.

...Eu fui uns dias ás praias belgas. Vi Ostende, com a sua praia incomparavel, os seus hotéis magníficos, o seu conforto de pequenina cidade acolhedora e limpa; vi Blankenber-



1—Sobre o molhe. 2—Um aspéto de Kursaal de Ostende



O Kursaal d'Ostende durante o concerto

ghe, com as suas vilas sobre o mar, cujo interior ordenado, *propre*, d'um gosto e d'uma sedução já todas ho' aneozas, nos dá vontade, uma vontade muito honesta de lá ficar eternamente n'essa paz e n'esse aconchego do lar, que em Lisboa

são uma imagem poetica e em Paris um absurdo; vi Heyst, as pequeninas Wenduyn-sur-mer, Mariakerke, Middelkerke, a encantadora Westende e todo esse passeio incomparavel á beira mar, desde o extremo norte de Ostende até ao ex-

tremo sul, creio eu,
de Nieuport.

D'esses oito dias
de paisagens novas
e ares reconfortan-
tes eu regressei a
Paris com as impres-
sões mais gratas
e uma caixa de
charutos soberbos,
que um monstro,



1—O dique d'Ostende.
2—Uma banhista em pose.

fiscal meticoloso, em nome da lei me não
deixou passar.

•
•
•

Não é difícil dizer porque as praias
belgas, não só Ostende como as outras,
menos luxuosas mas não menos belas
que citei, são incomparavelmente supe-
riores às praias de França.

Trouville, por exemplo, está na moda;
sobre as suas *planches*, a dois passos d'es-
se mar que as *cabines*, as barracas de re-
frescos, os *tennis* e os *coretos* a cada ano
mais vão escondendo passa todo o mun-
danismo de Paris; n'uma das suas ruelas
estreitas, onde brilham as montras das
sucursaes da rua de la Paix, dá-se «ren-
dez-vous» a fina flôr do snobismo inter-
nacional.



3—Panorama d'Ostende.

Que amanhã um capricho da moda afaste de lá todo esse mundo ou parte d'ele e de Trouville ficará uma terreola de pescadores bisonha e suja.

Em Ostende suprimiu-se o jogo; todo um mundo *rasta* desarvorou. E, contudo, ela lá ficou, a linda e alegre praiasinha, servida pelos seus belgas pitorescamente pretenciosos, com as suas homenagens a Leopoldo a cada esquina (ao fim de algumas horas a sombra do barbudo e finado monarca persegue-nos como uma obsessão), com o seu conforto de cidadezinha de luxo, as suas repartições publicas aceiadas, os seus electricos magnificos, cujas segundas classes apenas se comparam aos nossos melhores carros de Lisboa, com o seu Kursaal onde cabem dez mil pessoas e onde uma orquestra magnifica toca dia e noite; e, sobretudo, com esse dique admiravel que tem trinta metros de largo e uma extensão de perto de duas leguas, ladeando toda a povoação e indo até além das praias proximas...

Quando se fala das coisas boas cá de fóra é de excelente uso dizer que nem tudo é mau tambem na nossa terra.

D'esta vez, da janela de meu hotel em Ostende, em frente ao mar, eu recordei um pedaço de Portugal, lindo e desprezado.

E' Carreiros, na Foz do Douro, a dois passos do Porto.

Prolongada essa linda avenida, como se pensou em tempos, do Passeio Alegre até Matosinhos, ornando-a de be'as casas, mais belas e confortaveis mesmo que suntuo-



1—Uma parisiense em Ostende

sas, fazer-se-ia d'ali, sem custo, o unico passeio do mundo digno de rivalisar com esse que os belgas zelam com um orgulho de que ninguem póde querer-lhes mal.

Não é preciso ser uma grande nação para ter lindas coisas. A Belgica é muito mais pequena do que nós. E, de resto, são sempre as pequeninas casas as que se aceiam e en'eitam melhor...

Paris, agosto de 1912.

PAULO OSORIO,



2—Um trecho da praia

Vila Nova de Foscõa

A visita do governador civil da Guarda



Esta linda vila beirá foi há dias visitada pelo illustre governador civil da Guarda e pelos seus representantes em côres. Foscõa possui o melhor e o maior edificio de todo o distrito, onde estão instalados os Paços do Concelho e todas as repartições publicas. E' uma bela construção recente e muito vistosa. A sua igreja matriz, da época manuelina, e um dos mais belos padrões da Renascença em Portugal, sendo considerada como monumento nacional de segunda ordem. O frontespicio, mui-



to bem trabalhado, é de fôrma retangular, encimado por ameia de uma fôrma caprichosa, tendo um portal gotico ladeado por dois pinheiros e encimado por um oculo ornamentado a os lados dois escudos com as quinas, a flôr de liz e a cru, da ordem de Cristo. Ao centro a estatua, em pedra, da padroeira da vila.

Tambem constitue um documento de arte, do mais puro estilo manuelino, ainda que relativamente pobre de ornamentação, o pelourinho d'esta vila.

Aprimado sobre um escadôr octogonal de quatro degraus, o fuste é ornamentado com contas e vieiras, e a meio um nó formado por corda e cadeia. No topo ha um capitel em piramide quadrangular, invertida e truncada, composta de molduras, tendo uma concha ao centro de cada face; sobre o capitel e rodeando a peanha que suporta um'esfera armilar, coroada pela flôr de liz, varios coroches, n'um dos quaes se firma o escudo das quinas.

Só não possui Foscõa uma fonte digna d'esse nome, tendo a população, por ocasião da visita do governador civil e dos seus deputados, reclamando um subsidio para a construção de fontes publicas.



1—Egreja de Foscõa. 2—Edificio dos paços do concelho. 3—O Pelourinho. 4—Visita do governador civil e deputados do distrito da Guarda a Foscõa: No 1.º plano, da esquerda para a direita: Dr. Orlando Marçal, dr. João de Deus Ramos, governador civil, dr. Antonio Pires de Vasconcelos, presidente da Câmara; no 2.º plano: deputados Lopes da Silva e senador Pedro Boto Machado, Afonso Barata Saraiva de Castilho.

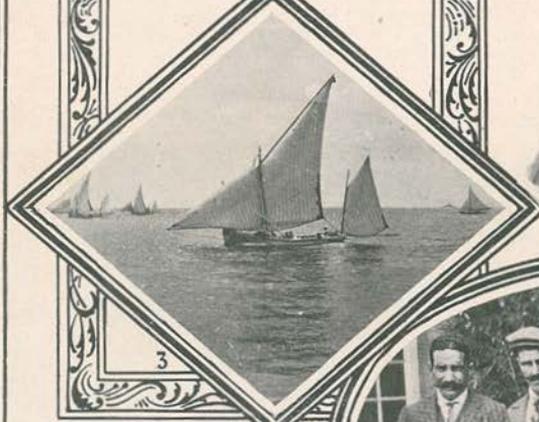
FIGURAS E FACTOS

O pae do illustre brasileiro que tão bizarramente ofereceu um aeroplano ao exercito portuguez é um velho aldeão descendente de um valeroso soldado



das campanhas peninsulares e que acabadas elas se recolheu á sua aldeia a lutar pela existencia educando os seus no caminho da honra.

O ator-imitador José Vaz que teve uma certa celebridade nas *tourneés* feitas nas ilhas, Africa e Brazil, foi assassinado em Angra do Heroismo, após uma discussão violenta com o seu emprezario Jonh Alves, que continua preso na cadeia d'aquella cidade.



1—O lavrador sr. Manuel Costa pae do coronel Albino Costa, que por intermedio do «Seculo» ofereceu um aeroplano ao exercito portuguez e que seu filho foi visitar á freguezia de Cedrim (Sever do Vouga) onde reside. O velho lavrador tem 92 anos e é filho de Vicente da Costa que serviu 18 anos no exercito fazendo todas as campanhas napoleonicas. 2—As primeiras regatas da Associação Naval: rondando a balsa na Trafaria. 3—A primeira volta. 4—O ator José Vaz, assassinado por Janh Alves em Angra do Heroismo. 5—Os tripulantes do vapor «Machado II» que naufragou nas costas de Marrocos.